

## EDITORIAL

O presente volume da *Revista do GEL* reúne dez trabalhos de estudiosos de centros de pesquisa dos mais diversos estados do país, tais como Bahia, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina e São Paulo. São oito trabalhos em português e dois em língua estrangeira que tratam de poesia brasileira, de afasia, de semântica e agenciamentos enunciativos, de semântica do verbo e orações adverbiais, de questões ligadas à fonética e à prosódia do Português Brasileiro (PB), de política linguística e escrita e, por fim, de aspectos da teoria de conciliação de metas aplicada à criação publicitária.

No primeiro artigo deste número, intitulado “A morte em Hilda Hilst”, Joseane Aguiar Novais e Marcello Moreira trazem uma leitura de *Da morte. Odes mínimas* (2003), da poetisa campineira. Os autores refletem sobre o tema da morte, o gênero ode e os desenhos aquarela de autoria de Hilst que acompanham o texto, apontando para a novidade e o frescor de uma escrita em que se pode entrever uma nova conformação da “finitude humana”. Para os autores, Hilst rompe com as abordagens mais frequentes do tema da morte, “criando imagens diferentes, que perpassam pelo amor, erotismo, sedução e até pelo tom de brincadeira”. São, pois, “cores inéditas” da morte que se (des)cobrem nas odes e nas aquarelas da artista que resta, hoje, como um dos principais nomes da poesia brasileira.

Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho e Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, no artigo intitulado “A escrita na afasia: da perda à reconstituição da linguagem”, nos levam a uma reflexão sobre a reconstituição da escrita de um sujeito afásico. Tomando como *cópus* um conjunto de seis textos escritos por um sujeito em estado afásico, e tendo como base teórica, principalmente, a Neurolinguística e o Interacionismo em Aquisição de Linguagem, as autoras descrevem como se deu o processo de recomposição da sua linguagem escrita. No trabalho, pode-se acompanhar a

mudança de um sujeito com limitação de linguagem para um sujeito escrevente, mudança esta fortemente amparada pela “dimensão linguageira da interação”, que o levou à escrita graças a atividades marcadas por situações reais de comunicação.

O artigo de Cecília Ribeiro de Souza e Jorge Viana Santos, intitulado “Agenciamentos enunciativos: o direito de dizer de escravos, libertos e pessoas livres em processos do século XIX”, apresenta, a partir de uma abordagem enunciativa de base sócio-histórica, uma análise semântica sobre os agenciamentos enunciativos de escravos e de libertos, comparando-os aos agenciamentos de pessoas livres. Tendo como *cópus* processos jurídicos relativos à liberdade servil, os autores buscam caracterizar o direito de dizer e o modo de enunciar, no espaço jurídico, dos atores sociais senhores, pessoas livres, escravos e libertos. Ao longo de sua reflexão, apoiados principalmente pela Semântica do Acontecimento, os autores demonstram que é a normatividade jurídica a responsável por dividir de modo desigual o real, determinando assim quem tem o direito de enunciar.

No artigo “As interpretações do verbo ‘dar’ e sua estrutura temática: uma análise sintático-semântica”, Thayse Letícia Ferreira, Amanda Pontes Rassi e Renato Miguel Basso apresentam a construção de uma grade temática para o verbo “dar” baseada na Sintaxe de Primeira Fase, como desenvolvida por Ramchand (2008). Os autores partiram, inicialmente, da análise dos principais dicionários de português, análise esta que mostrou a enorme gama de significados diferentes que o verbo “dar” apresenta, bem como as construções das quais ele participa, para, em um segundo momento, demonstrar que tais significados não são mero resultado de ambiguidades, mas estão, na verdade, diretamente relacionados entre si.

Camilo Rosa Silva e Marta Anaísa Bezerra Ramos, no trabalho intitulado “Orações adverbiais introduzidas por *sem (que)* + verbo: relação de realce ou de extensão?”, começam seu estudo sobre as preposições *sem/sem que*, descrevendo, inicialmente, o tratamento que a tradição normativista lhes deu. Observando diversos compêndios gramaticais, os autores mostram que a preposição costuma ser tratada meramente como o elemento ligador de termos, restringindo-se a “instituir uma relação de dependência entre regente e regido”. No entanto, sua pesquisa evidenciou que tais formas gramaticais podem ultrapassar essa sua função, atuando, em um primeiro momento, como “conectores oracionais”, que estabelecem relação da matriz com a

“estrutura hipotática”, e, em um segundo momento, como “processos de *expansão*”, que tomam como referência o “eixo lógico-semântico”. Nesse sentido, concluem os articulistas, a partir de uma perspectiva funcionalista, que tanto as orações adverbiais deixam de ser consideradas meras estruturas de realce, quanto o item *sem* assume valor aditivo, valor este somente percebido se levados em consideração os seus contextos de uso.

Daise Ribeiro Pereira Carpes e Izabel Christine Seara, em seu artigo “Estratégias metodológicas para investigar a prosódia do foco no Português Brasileiro”, trazem algumas propostas metodológicas para se estudar a focalização em Português Brasileiro, a partir de experimentos pilotos, que consistem em coletar gravações com falas de informantes produzindo sentenças com três tipos de focalização (não exaustiva, exaustiva e contrastiva). Suas reflexões indicam que a prosódia, incluindo a prosódia visual, tem papel bastante importante na marcação do foco em PB. Para as autoras, a focalização em PB parece ser uma combinação das dimensões prosódica (da fala e visual), sintática, pragmática e, algumas vezes, lexical da língua. Além disso, seu estudo, com base em outros trabalhos, indica que sinais de cabeça podem contribuir para a segmentação do contínuo da fala, desempenhando um papel importante no processamento audiovisual da fala.

No texto “Os limiares de diferenciação tonal do Português Brasileiro”, Marcus Vinicius Moreira Martins e Waldemar Ferreira Netto apontam para as propriedades da entoação que permitem a percepção da fala no PB. Para os autores, os limiares de diferenciação tonal encontrados em suas pesquisas, isto é, os valores de -3 e +4, representam os limites a partir dos quais a percepção do ouvinte do PB pode ser modalizada. Isso quer dizer que, conforme demonstraram Martins e Ferreira Netto, para que se note alguma diferença de tom entre dois estímulos, sempre será necessário que variem, ao menos, “4 semitons ascendentes ou 3 semitons descendentes a partir do referencial estabelecido”.

Em “Towards a methodology to estimate minimum sample length for speaking rate”, de Pablo Arantes e Verônica Gomes Lima, busca-se determinar o tamanho mínimo de amostra para estimativa da taxa de produção da fala. Tendo em vista a técnica estatística empregada no trabalho, os resultados obtidos permitem afirmar que as estimativas da taxa de fala e articulação são estabilizadas após 9,2 e 8,7s,

respectivamente, ou, como apontam mais propriamente os autores, “após um pouco menos de 30% da duração das amostras de fala analisadas”. Os resultados de suas pesquisas, mostrados pelo trabalho, podem ser adotados como referência para trabalhos futuros na área de fonética, ou, até mesmo, por especialistas da área de fonética forense.

O italiano Paolo Torresan, no seu artigo intitulado “Osservazioni su una prova di lettura per studenti cinesi allestita dal centro CILS”, apresenta um relato sobre a experiência do projeto “Marco Polo-Turandot” (MPT), que nasceu no âmbito de um acordo entre os governos da Itália e da China. O acordo tem como objetivo permitir que os estudantes chineses tenham acesso à formação linguística e artística ofertada em escolas e universidades italianas. Nesse cenário, a experiência descrita por Torresan consiste no estudo de uma prova de leitura proposta pelo centro CILS, cujo resultado demonstra que determinados princípios metodológicos da avaliação acabam por produzir situações de discriminação dos estudantes chineses, o que pode acarretar na indução de erros na avaliação de sua capacidade de acompanhar, com êxito, cursos universitários em italiano.

O trabalho “Hipóteses abduativas antefactuais em situações proativas de criação de campanhas publicitárias: análise com base na teoria de conciliação de metas”, de Fábio José Rauen e Suelen Francez Machado Luciano, centra-se no estudo da emergência criativa de *insights* que, segundo os autores, são passíveis de serem descritos e explicados de um ponto de vista pragmático-cognitivo. Ao longo do trabalho, Rauen e Luciano defendem que hipóteses abduativas antefactuais de consecução de metas “emergem intuitivamente como categóricas por *default*”, mas que podem ser flexibilizadas por inferências reflexivas. Para os autores, por fim, tal flexibilização é extremamente necessária no mercado publicitário, uma vez que “a força de uma hipótese abduativa de consecução de uma meta é inversamente proporcional à cogitação de seu fracasso”, permitindo, assim, em meio à suposição do fracasso, o refinamento necessário para que qualquer campanha tenha chances de ser bem-sucedida.

Como demonstram os trabalhos aqui apresentados, trazemos mais uma vez um volume da *Revista do GEL* com bastante qualidade e coerência temática, que aponta para o que há de mais recente nas pesquisas nas áreas de Letras e Linguística no Brasil. E, mais uma vez, não podemos deixar de agradecer à Diretoria do GEL (biênio 2015-

2017), nem à equipe técnica da editora Letraria que nos auxilia na revisão e na diagramação da revista, e nem aos colegas pesquisadores que, além de pareceristas, têm sido parceiros que garantem a continuidade e a qualidade deste periódico.

Assis, agosto de 2017.

Matheus Nogueira Schwartzmann  
Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale  
Editores da Revista do GEL